



A recepção do concílio Vaticano II como objeto do historiador

Rodrigo Coppe Caldeira ¹

Introdução

Desejo com esse texto refletir de maneira ensaística sobre o tema da *recepção*. No caso a *recepção* de um concílio ecumênico da Igreja Católica latina e algumas *mordeduras historiográficas* sobre a questão. A história da Igreja realizada no Brasil deu passos importantes, de maneira geral, a partir da década de 1970 sob o influxo da abertura do concílio Vaticano II (1962-1965) às ciências sociais e humanas. ² A Igreja compreendia que os instrumentos de pesquisa e análise desses campos de conhecimento poderiam colaborar também com suas práticas pastorais. A historiografia construída foi marcadamente realizada por agentes interiores, influenciados por perspectivas teológicas específicas que se desenvolveram e se consolidaram hegemonicamente a partir de então.

Todavia, perspectivas teóricas importantes, particularmente epistemológicas, sobre a construção do conhecimento histórico, de maneira mais ampla, e a história propriamente dita do evento conciliar, que deu passos largos nas últimas décadas do século XX, não caminharam na mesma velocidade e profundidade da própria realização historiográfica que teve como objeto esse concílio. ³ Além disso, a própria crítica historiográfica da Igreja latina no Brasil ainda não foi realizada de forma verticalizada.

Os questionamentos hermenêuticos se aprofundaram, particularmente nos ambientes teológicos, na primeira década do século XXI, especialmente a partir do

¹ Historiador, Doutor em Ciências da Religião, Professor da Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Publicou **Os baluartes da tradição. O conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II**. Curitiba: CRV, 2011.

² Em um de seus documentos mais centrais, a constituição pastoral *Gaudium et spes*, o concílio afirmava: “Na pastoral sejam suficientemente conhecidos e usados não somente os princípios teológicos, mas também as descobertas das ciências profanas, sobretudo da psicologia e da sociologia” (GS 406).

³ Fiz alguns acenos à questão em: CALDEIRA, R. Coppe. O Concílio Vaticano II: apontamentos bibliográficos para um estudo historiográfico. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, Ano 43, n. 120, p. 211-226, Mai/Ago 2011. Uma ótima reflexão sobre a historiografia do concílio pode ser lida em SCHICKENDANTZ, Carlos. Las investigaciones históricas sobre el Vaticano II. Estado de la cuestión y perspectivas de trabajo. **Teología y Vida**, Santiago del Chile, v. 55, n. 1, mar. 2014, p. 105-141.



discurso de Bento XVI à Cúria Romana por ocasião do Natal de 2005, quando em seu ponto alto, refletiu sobre as “hermenêuticas do concílio”.

Sem a mínima pretensão de realizar tal verticalização, o texto apresentado deve ser compreendido mais como um convite à tal reflexão, bastante corriqueira no campo da teoria da história, mas ainda limitado no que se refere aos seus questionamentos no campo da historiografia que tem como foco e objeto a Igreja católica contemporânea.

1. Os historiadores e a recepção de um concílio

Um concílio ecumênico da Igreja Católica Apostólica Romana, com toda a sua força simbólica e normativa ⁴, é um objeto de investigação recorrente dos pesquisadores que visam compreender, especialmente, as dinâmicas históricas que atravessam essa instituição milenar. ⁵ Elias Canetti, em seu *Massa e Poder*, ao focar brevemente sua análise no catolicismo, via nele uma tranquilidade, uma lentidão e gravidade, que faz “todos os detentores de poder”, perto da Igreja, “parecerem pobres amadores” (CANETTI, 1995, p. 154). A *tranquilidade* que a perpassa, é refletida na sua trajetória histórica, que se constituiu terra fértil para se estabelecer como firme rocha, uma instituição que tem em posse capital simbólico admirável.

Os concílios ecumênicos são como momentos irruptivos que se dão nesse fluxo temporal arrastado, lento, de duração longa. Em número de vinte e um, foram convocados, corriqueiramente, para afastar erros doutrinários e disciplinares que por ventura ameaçassem a unidade da *ecclesia*. O último dos concílios, aquele que se sucedeu em nossa contemporaneidade, convocado pelo quase unânime João XXIII em janeiro de 1962, não teve esse escopo, mas o intuito de pensar a Igreja pastoralmente – como e por quais meios ela poderia ser um ator social importante nas novas configurações políticas e culturais pelas quais o mundo se encaminhava. Era algo mais em torno de sua plausibilidade do que uma heresia ameaçadora de sua unidade.

⁴ Sobre o grau de autoridade dos concílios ecumênicos cf SULLIVAN, Francis A. **Il Magistero nella Chiesa Cattolica**. Assisi: Cittadella, 1993; SULLIVAN, Francis A. **Capire e interpretare il Magistero**. Una fedeltà creative. Bologna: Dehoniane, 1997.

⁵ ZUBER, Valentine (dir.). **Émile Poulat. Un objet de science, le catholicisme**. Lourai: Bayard, 2001.



Tal perspectiva delineada por João XXIII ⁶, isto é, a perspectiva pastoral pela qual o concílio deveria discutir seus temas, de fato, inaugurou complexas questões para teólogos e historiadores que hoje se debruçam sobre a sua história, seus feitos, ditos e não-ditos. ⁷

Certamente que, ao nos perguntarmos, os historiadores, sobre os significados do evento conciliar, sobre sua realidade, não nos esquecemos de que o tempo, a memória e as narrativas produzidas nesses cinquenta anos de sua conclusão, se imiscuem, se sobrepõem e se interpenetram, de maneira que toda e qualquer constatação que se queira sumária sobre ele, ou que aponte projetivamente para possíveis cenários futuros, soe como um convite à prudência e atenção. Talvez seja a arte da prudência aquela que o historiador deve se tornar mestre a fim de unir os mortos e os vivos ao recolher vestígios pelo seu caminho.

Como qualquer fato histórico, o concílio Vaticano II é objeto de lutas, disputas e controvérsias ⁸, já que são em torno da sua interpretação que elas se constituem (SCHAFF, 1986, p. 203). Além de ser um fato, pois ocorreu num *espaço-tempo* determinado, ele pode ser compreendido como uma *ideia*, o que não deixa de ser um pleonasma, já que o fato histórico nunca é puro, sólido e perceptível à distância a ponto de podermos enunciar definitiva e sumariamente seus significados. Há sempre algo de inexaurível em nossa busca pela *verdade* do fato. O fato sempre significa algo para aqueles que no fluxo do tempo encontrem ali significados importantes. Particularmente um evento como esse, que ainda reverbera vivamente as ondas que nele se produziram, como num mar agitado.

Como tal, e como qualquer fato histórico, o evento ultrapassa seu caráter temporal, inserido na conjuntura em que se realizou, tornando-se o centro de um

⁶ JOÃO XXIII, Papa. O programático discurso de abertura. In: KLOPPENBURG, Frei Boaventura. **Concílio Vaticano II**. Primeira Sessão (Set.-Dez, 1962). v. II. Petrópolis: Vozes, 1963.

⁷ A questão da pastoralidade do concílio e sua faceta dogmática rendeu alguns debates acalorados sobre sua recepção, especialmente seu grau de validade, o que foi explorado particularmente por Mgr. Marcel Lefebvre e D. Antonio de Castro Mayer a fim de rejeitá-lo por completo. Cf PERRIN, L. **II caso Lefebvre**. Genova: Marietti, 1991; LEFEBVRE, M. **Un vescovo parla**. Milano: Rusconi, 1975. René Rémond profere brevemente algumas palavras sobre a questão: “Le Concile n’a pas été seulement pastoral, même si le souci pastoral a inspiré ses travaux: il a fait oeuvre doctrinale, en particulier dans les trois grands textes dont il faut faire une lecture synoptique: la constitution *Lumen gentium* sur l’Église, le texte *Gaudium et spes* sur l’Église dans le monde et *Dignitatis humanae* sur la liberté religieuse” (RÉMOND, 1983, p. 379).

⁸ Cf FAGGIOLI, Massimo. **Vaticano II**. The battle for meaning. Mahwah: Paulist Press, 2012.



conflito de visões que dele querem dar conta sistematicamente. Ele se torna objeto da linguagem, da expressão narrativa que o toma a fim de fazer conhecido e reconhecido.

Tal conflito se dá em várias frentes. Uma delas, talvez a que assinala de alguma forma todas as outras, decorre das perguntas que giram em torno do *antes* e o *depois* do evento conciliar, em torno daquilo que a Igreja *foi* e daquilo que ela *se tornou*, ou deveria se tornar, depois dele. É esse antes e depois que vai constituir o *horizonte de sentido* das narrativas que tem o evento como objeto, situando-o em certos marcos cronológicos e periodizações. Eis assim que emerge o cerne da disputas: a relação do *evento* – narrado a partir da perspectiva desse *antes* e *depois* – com a *estrutura* que o permite nascer no tempo, isto é, as formas processuais de maior estabilidade e duração.⁹ Talvez seja o nosso desafio maior como historiadores dos concílios compreender que há um “esclarecimento recíproco dos eventos pelas estruturas e vice-versa” (KOSELLECK, 2006, p. 139), e que devemos buscar elementos que nos permitam olhar para eles e narrá-los, cuidando em não cair em simplismos ideológicos. O que não é nada fácil, haja vista a “aporía metodológica que não permite amalgamar eventos e estruturas” (KOSELLECK, 2006, p. 139).

Não podemos deixar de notar o fato de que cada visão sobre o evento e seus feitos, se conecta a uma macro-visão, na qual se inserem, especialmente, as crenças em torno do que é o homem – perspectivas antropológicas¹⁰ –, e também do que é a Igreja – perspectivas eclesiológicas –, além, claro, para muitas delas, como *deve ser* o homem e como *deve ser* a Igreja. Tais aspectos, calcadas nesse *dever ser*, assumindo certas perspectivas que tomam a instituição religiosa como *projeto político* e o homem como *projeto inconcluído*, acabam, muitas vezes, por embaçar as análises, já que são construídas a partir de ideias de como as coisas deveriam ser (*gostariam que*

⁹ Nossa reflexão aqui parte das contribuições fundamentais de Reinhart Koselleck em seu texto “Representação, evento e estrutura” publicado em **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC Rio, 2006, p. 133-146. Boeve (2011), ao analisar algumas obras sobre a história do concílio e o conflito em torno das categorias de *continuidade* e *descontinuidade* afirma: “Alors qu’Alberigo et ses collaborateurs voulaient mettre l’accent sur les aspects innovants et révolutionnaires de Vatican II (en termes de changement de paradigme) et donc mettre en lumière les discontinuités avec le passé, Marchetto et Ruini voudraient privilégier la continuité et le développement harmonieux” (p. 356).

¹⁰ Importante dizer que o próprio concílio Vaticano II é compreendido como um importante momento em que a antropologia cristã também se renova. Cf MOELLER, Charles. Le renouveau de la doctrine de l’homme. In: BERTRAND, GUY-M.; SHOOK, LAURENCE K. (sur la direction de). La théologie du renouveau. Montréal/Paris: Fides/Cerf, 1968.



fossem) – *wishful thinking* – e não como se mostram, propriamente, àqueles que as encaram.

Somado a isso, não podemos esquecer que o evento não se esgota no tempo em que se realizou, aqueles anos 1960, mas é reformulado, ressignificado e apropriado de maneiras diferentes pelos diversos atores em disputa, que nele buscam algum sentido para discursos e práticas que devem se aprofundar e aqueles que devem ser banidos e evacuados. Além disso, é necessária atenção para algo que tem papel fundamental na *operação historiográfica*, e que as palavras de Marc Bloch bem clarifica: “nenhum objeto tem movimento na sociedade humana, exceto pela significação que os homens lhe atribuem, e são as questões que condicionam os objetos e não o oposto” (BLOCH, 2001, p. 8). O que poderíamos acrescentar: é o tempo em que o historiador está inserido, ou seja, sua *condição histórica* (como entendido por Paul Ricoeur¹¹), que condiciona suas perguntas, que é ponto de partida de suas questões, é que tem o condão de também fazer o evento *ser o que é*.

Como produto de um tempo, e também produtor de um outro – que alguns até mesmo desejariam acelerar para que as realizações imaginadas se tornem factíveis e palpáveis¹² –, o evento conciliar é disputado entre aqueles que se encontram tanto no campo propriamente eclesial, participando intimamente da *máquina*, como de grupos baseados nas periferias e que também desejam incidir sobre os rumos da Igreja. Além, claro, dos estudiosos do evento, que influenciam profunda e indelevelmente o debate ao subsidiar a formação das opiniões¹³ e os métodos de ação daqueles que se entendem como portadores de uma missão intra e extra-eclesial.

Uma das possibilidades teóricas e metodológicas que se abre para o historiador que tem como objeto a Igreja latina, e que ultrapassa uma história propriamente eclesiástica¹⁴, é aquela que remete às reflexões da *Nova História* e

¹¹ “Por condição entendo duas coisas: de um lado, uma situação na qual cada um se encontra cada vez implicado, Pascal diria: ‘fechado’; de outro, uma condicionalidade, no sentido de condição de possibilidade de ordem ontológica, ou, como acabamos de dizer, existencial em relação mesmo às categorias da hermenêutica crítica. Fazemos a história e fazemos história porque somos históricos” (RICOEUR, 2007, p. 299-300).

¹² Cf KOSELLECK, R. *Aceleración, prognosis y secularización*. Aldaia: Pre-Textos, 2003.

¹³ Elisabeth Noelle-Neumann, em seu estudo *The spiral of silence. Public opinion – our social skin*, traz interessantes contribuições sobre a formação da opinião pública. Segundo ela, “the climate of opinion depends on who talks and who keeps quiet” (NOELLE-NEUMANN, 1993, p. 4).

¹⁴ Para uma discussão sobre história eclesiástica veja: HERMANN, J. *História das religiões e religiosidades*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História**. Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 329-352. Veja também



também aos novos paradigmas historiográficos¹⁵, suas novas abordagens e fontes, intuições e provocações.

2. As abordagens do concílio: algumas provocações epistemológicas

Feito o convite para que atentemos aos problemas epistemológicos pelos quais estamos submersos ao realizar a história do concílio – e qualquer outra –, passo então à apontar para uma das possibilidades que ainda estão por se realizar na historiografia do Vaticano II, que não deve se restringir a montar, unicamente, o caminho realizado pelos seus atores principais na luta em torno da redação dos documentos por ele promulgados. Esse tipo de história, iniciado por Giuseppe Alberigo e seus seguidores de Bologna, já nos brindou com obras fundamentais para se compreender o contexto daqueles que desempenharam papéis centrais na realização da obra conciliar, seu *corpus* textual.¹⁶ Até recentemente, os pesquisadores concentraram seus esforços na busca do *vivido*, a conhecê-lo. O desafio que se abre é, então, se interrogar “sobre o que é pensável e sobre as condições de compreensão” (CERTEAU, 2014, p. 26) do evento e seus feitos.

Dessa forma, a questão, ao meu ver, que emerge da *operação historiográfica* em torno do Vaticano II, orienta-se por um pressuposto que encontra seus fundamentos calcados numa vontade de autorreflexão, o que nos leva diretamente ao tema do ser histórico, à sua expressão narrativa e toda a problemática que o envolve.

ALBERIGO, G. Nuove frontiere della Storia della Chiesa. In: JEDIN, Hubert. **Introduzione alla Storia della Chiesa**. Brescia: Morcelliana, 1996, p. 7-30.

¹⁵ Cf CARDOSO, C. História e paradigmas rivais. In: CARDOSO, C. Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História**. Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 1- 23.

¹⁶ Podemos citar como seus principais exemplos os cinco volumes da *História do Concílio Vaticano II*, escrita por uma equipe de pesquisadores internacionais. No Brasil, infelizmente apenas traduzidos os dois primeiros volumes pela *Editora Vozes*. Veja também FAGGIOLI, M. **Il vescovo e il concilio**. Modello episcopale e aggiornamento al Vaticano II. Bologna: Il Mulino: 2005; SCATENA, S. **La fatica della libertà**. L’elaborazione della dichiarazione ‘Dignitatis humanae’ sulla libertà religiosa del Vaticano II. Bologna: Il Mulino, 2003; VELATI, M. **Una difficile transizione**. Il cattolicesimo tra unionismo ed ecumenismo (1952-1964). Bologna: Il Mulino, 1996. Cf uma ampla resenha sobre a obra em seu conjunto: VALLIN, P. Vatican II, l’événement des historiens à partir de l’Histoire du Concile Vatican II, 1959-1965, réalisée sous la direction de Giuseppe Alberigo. **Recherches de Science Religieuse**. Avril-Juin 2005, tome 93/2, p. 215-245.



Como nos diz Koselleck (2014), comentando *Verdade e Método* de Hans-Georg Gadamer, “a existência humana é um *Dasein* histórico porque desde sempre exigiu a compreensão de um mundo que é, ao mesmo tempo, apreendido e constituído pela linguagem” (2014, p. 103).

Se até o momento debruçou-se sobre variadas e ricas fontes conciliares¹⁷ que se nos dão como presentes a fim de serem destrinchadas, analisadas, interpretadas, as portas que são agora abertas nos levam até os *receptores* dessas fontes e o seu lugar no processo do *fazer historiográfico*. Os fatores que estão por trás da questão são de tal monta complexos, que seria como patinar sobre gelo fino uma tentativa que visasse responder ao desafio sem compreender os limites que estão presentes. Não obstante, recuar não seria o melhor caminho. Buscar compreender os processos por trás da dinâmica da *recepção* – no caso, da recepção de um concílio ecumênico –, é, sobretudo, e primeiramente, pensar sobre os pressupostos epistemológicos, e assim hermenêuticos, pelos quais os narradores do evento são atravessados.

Não mais apenas os lugares de poder de onde verbalizam suas análises, mas os *poderes* que os atravessam, entre eles, quais também os “disfarces da paixão” que desejam mostrar como travestidos de “razão” (CERTEAU, 2011) nesse contexto em que ainda reverberam alguns mitos do racionalismo moderno, a fim de o envernizarem com a característica de plausibilidade e legitimidade. Sabemos, e a história nos foi mestra, que “a enérgica reivindicação da verdade pode sempre ser colocada a serviço de propósitos totalmente ideológicos e de qualquer forma dúbios” (SMITH, 2002, p. 76).

Podemos dizer que a historiografia do concílio, cheia de nuances¹⁸, pode ser observada “à particularidade de um lugar ordinário, aos afetos recíprocos que estruturam representações” (CERTEAU, 2011, p. 68) – as *representações* que fazemos do evento propriamente. Não é permitido assim nos esquivar do lugar do afeto, das paixões no *fazer historiográfico*, sem cairmos na facilidade de narrativas

¹⁷ Sobre algumas fontes do concílio, veja, por exemplo, LAMBERIGTS, M. “The Importance of Diaries for the Study of Vatican II”. In: SCHELKENS, K. (ed.). **The Council Diaries of Edward Schillebeeckx, 1962-1963**. Critically annotated Bilingual Edition. Leuven: Peeters, 2010. [1] [2] [3] [4] [5] [6] [7] [8] [9] [10] [11] [12] [13] [14] [15] [16] [17] [18] [19] [20] [21] [22] [23] [24] [25] [26] [27] [28] [29] [30] [31] [32] [33] [34] [35] [36] [37] [38] [39] [40] [41] [42] [43] [44] [45] [46] [47] [48] [49] [50] [51] [52] [53] [54] [55] [56] [57] [58] [59] [60] [61] [62] [63] [64] [65] [66] [67] [68] [69] [70] [71] [72] [73] [74] [75] [76] [77] [78] [79] [80] [81] [82] [83] [84] [85] [86] [87] [88] [89] [90] [91] [92] [93] [94] [95] [96] [97] [98] [99] [100]

¹⁸ Cf CALDEIRA, R. Coppe. O Concílio Vaticano II: apontamentos bibliográficos para um estudo historiográfico. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, Ano 43, n. 120, p. 211-226, Mai/Ago 2011 e FAGGIOLI, M. Council Vatican II: Bibliographical Survey 2010-2013. **Cristianesimo nella Storia**. Bologna, n. 34, 2013, p. 899-927.



que se querem amputadas dos seus elementos humanos, demasiadamente humanos, por onde se lança nossas interpretações. Chega-se aqui nos problemas epistemológicos em torno da *verdade*, encarnados pelos debates entre objetivistas e fundacionalistas de um lado, e céticos axiológicos, antifundacionalistas e pós-modernistas de outro.¹⁹

Somado à clareza em torno da ideia do “historiador passional” – aquele que não nos cansamos de perguntar sobre seus motivos afetivos e como eles se coadunam com o *fazer historiográfico* – está aquela em torno do *ser-afetado-pelo-passado* (RICOEUR, 2012, p. 369). Fica claro, dessa forma, que o tema mesmo da *recepção*, por si só, é perpassado por atravessamentos hermenêuticos que devem ser levados em conta a fim de nos posicionarmos teoricamente frente ao evento que se torna objeto de análise. Aqui, *ser-afetado-pelo-passado* manifesta-se em duas formas: afetado pelo evento propriamente, suas realizações, as singularidades que produz, e afetado pelas narrativas do evento – o que foi falado sobre ele. Gadamer (1999) nos fornece algumas pistas ao tratar da *história efetual* em seu *Verdade e Método*.

O historiador, mergulhado irremovivelmente em seu tempo, sofre inúmeros efeitos: não somente do evento, mas também, e sobretudo, de suas narrativas, o que, no final das contas, o insere num *tópos* histórico. A busca em produzir sentido ao evento situado num arco temporal específico a fim de criar condições de inteligibilidade, “é, também, sintoma de uma atividade sofrida, o resultado de acontecimentos e de estruturações que ela transforma em objetos pensáveis, a representação de uma gênese organizadora que lhe escapa” (CERTEAU, 2014, p. 38). Assim sendo, pensar a historiografia como uma *operação*, é entendê-la como “a relação entre um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão etc.), *procedimentos* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura). (CERTEAU, 2014, p. 46).

Ao estudar as relações entre a história, a ciência e a ficção numa perspectiva que coloca a história em diálogo com a psicanálise, Certeau (2011) aponta para um dos traços que difere a historiografia e a ficção, um dos temas candentes dos historiadores pós-*linguistic turn*. A primeira opõe-se fundamentalmente à segunda

¹⁹ Para uma visão geral sobre a questão cf SMITH, Barbara Herrnstein. **Crença e resistência**. A dinâmica da controvérsia intelectual contemporânea. São Paulo: Unesp, 2002.



pelo fato de que essa tem uma “ambição de dizer o real” (p. 48), já que a segunda “é um discurso que dá forma [“informe”] ao real, sem qualquer pretensão de representá-lo ou ser credenciado por ele” (CERTEAU, 2011, p. 48). Somado à *história efetual*, que nos ajuda a situar aquele que fala, a específica contribuição de Certeau, para o caso, é a necessária atenção para o fato de que toda narrativa que desejar relatar “‘o-que-se-passa’ (ou o que se passou) institui algo de real, na medida em que se considera como representação de uma realidade (do passado)” (CERTEAU, 2011, p. 49). A linguagem autorizada tem o poder de nomear, de dividir e recortar, afirmando e instituindo as diferenças. Afirmar com autoridade, tem como condão instituir aquilo que se anuncia (BOURDIEU, 2008, p. 109). Por isso, essa narrativa, “ao pretender relatar o real, ela o fabrica. Ela é performática. Ela torna crível o que diz e faz agir por essa razão” (CERTEAU, 2011, p. 53).

Eis que se abre o problema da *representação*, que se relaciona intimamente com as questões em torno do *imaginário* e da *imagem*. Hilário Franco Júnior (2010) afirma que uma *imagem*

é construção mental – realizada a partir de estímulos dos sentidos (seres, objetos, locais, sensações) ou do aparelho psíquico (visões, sonhos, memória) – que implica certa leitura do mundo e certa relação com o mundo, materializadas na palavra [...] É algo no lugar de algo, concreto ou abstrato, presente ou ausente. É representação” (p. 73).

Bourdieu (2008) nos oferece uma análise sobre esse fenômeno. Ele designa, entre outros, por *representações objetais*, “atos, estratégias interessadas de manipulações simbólicas tendentes a determinar a representação (mental) que os outros podem construir a respeito tanto dessas propriedades como de seus portadores” (p. 107-108). Foucault (2002) também apontou, da sua maneira, para a questão desse *regere fines*, de “traçar fronteiras”, e as relações de poder envolvidas nesse ato.²⁰

O discurso historiográfico, mergulhado no campo de lutas simbólicas em que os contentadores agem em busca de “fazer ver e de fazer crer, de fazer conhecer e de fazer reconhecer” (BOURDIEU, 2008, p. 108), está intimamente imbricado com as

²⁰ “Pretende-se traçar uma divisória? Todo limite não é mais talvez que um corte arbitrário num conjunto indefinidamente móvel [...] Que quer dizer: não mais poder pensar um pensamento? E inaugurar um pensamento novo? [...] Em última análise, o problema que se formula é o das relações do pensamento com a cultura” (FOUCAULT, 2002, p. 69).



imagens constituídas pela narrativa histórica, que por sua vez foi produzida por aquele que se situa temporalmente, ou seja, que se estabelece no campo do possível, assinalada indelevelmente pela contingência radical que o atravessa.

Até o momento assinalamos para alguns pontos que giram em torno das questões epistemológicas em que os historiadores estão envolvidos. É preciso deixar claro que não falamos aqui pura e simplesmente em defesa de um *ceticismo epistemológico*²¹, que negaria a possibilidade de alguma explicação ou de até mesmo chegar, o mais próximo possível, da *coisa* – do evento – mesmo que enfraquecido por certa clareza em relação às nossas *epistemological bounds*. Não podemos avançar mais do que o já exposto no momento, assumindo as teses anteriores como *universais*, o que seria um tiro pela culatra, que chamuscaria aquele mesmo que as profere. A história das ideias é a história de como pensamos nós mesmos, o mundo e nossa relação com ele, e isso não tem prazo de validade. A discussão está aberta, e tomar uma posição teórica fechada nessa ou naquela perspectiva seria um equívoco.²²

No entanto, parece que David Carr (apud CARDOSOa, 1997) tenta encontrar uma síntese, que nos ajudaria a pensar a questão do fazer historiográfico sem uma aposta fechada num paradigma que aponte para a possibilidade de recuperar pura e simplesmente o evento, nem também num paradigma que entenda ser impossível acessá-lo, compreendendo-o como apenas resultado da narrativa do historiador: “tais narrativas devem ser consideradas, não como um desvio da estrutura dos eventos que narram, muito menos como uma deformação ou uma transformação radical deles, e sim como uma extensão de suas características primárias” (p. 21). Evento, historiador, fazer historiográfico. Três dimensões que se encontram não num círculo fechado, mas num espaço de possibilidades compreensivas e desafiadoras.

Dessa forma, deve-se acolher com interesse equilibrado as provocações aventadas no campo da reflexão historiográfica da *Nova História* produzida até o momento no campo da história do catolicismo contemporâneo. No entanto, ela não deve ser evitada, já que que as histórias do concílio produzidas até o momento lidaram com o evento conciliar a partir de perspectivas historiográficas que não

²¹ Uma crítica dura realizada por um historiador sobre alguns pontos dessa perspectiva podem ser lidas em CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia**. Bauru: Edusc, 2005.

²² Para maiores aprofundamentos teóricos cf CLARK, Elizabeth A. **History, theory, text**. *Historians and the linguistic turn*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.



questionaram mais radicalmente sobre seus próprios pressupostos teóricos, especialmente sobre seus limites, sobretudo aqueles que giram em torno da categoria de *evento*, central na corrente dominante da sua historiografia.²³

A historiografia da recepção do concílio que tinha por objeto a questão de suas hermenêuticas, que deu um salto especialmente pelo discurso de Bento XVI, e perdeu força depois da eleição de Francisco, não se debruçou de maneira insistente sobre a hermenêutica dos receptores, mas se concentrou sobre a hermenêutica dos textos, propriamente, e dos autores dos textos. De fato, no caso do Brasil, a historiografia sobre o concílio e sobre a sua recepção, particularmente, dão ainda passos embrionários.²⁴ Sobre a hermenêutica dos receptores, então, o campo é virgem. Os historiadores não construíram ainda, por exemplo, uma análise das “histórias da Igreja” escritas no Brasil sob o forte e persistente influxo das teologias da libertação, que se entenderam como a faceta mais original e legítima da recepção do concílio na América Latina. Toda uma historiografia está por se fazer a fim de que aprendamos o caminho da formação das *culturas conciliares* que se constituíram no país: como se caracterizam suas narrativas, quais seus principais propugnadores, quais redes se utilizam para se expandirem e se fazer conhecer.

“A história do concílio inclui a história de sua recepção”, afirma Ormond Rush (2004, p. 52), o que quer dizer que aquilo que acontece depois do evento propriamente faz parte de sua história. Komonchack (2007) corrobora essa perspectiva ao asseverar que o aconteceu depois do concílio legitimamente influencia os estudos do que aconteceu durante o concílio. Assim, tanto a historiografia do evento nesses cinquenta anos de sua conclusão pode ser estudada e analisada como parte dessa história, quanto a representação do evento construída pelos diversos atores sociais que o recebem em circunstâncias as mais diversas.

3. À guisa de conclusão: perspectivas

²³ Uma das poucas reflexões teóricas sobre esses pressupostos podem ser encontrado no seguinte texto: KOMONCHAK, Joseph A. Riflessioni storiografiche sul Vaticano II come evento. In: FATTORI, M. T.; MELLONI, A. (a cura di). *L'evento e le decisioni*. Studi sulle dinamiche del Concilio Vaticano II. Bologna: Il Mulino, 1997, p. 417-439; FOUILLOUX, É. Histoire et événement: Vatican II. *Cristianesimo nella Storia*, Bologna, n. 13, 1992, p. 515-538.

²⁴ Cf, por exemplo, CALDEIRA, R. Coppe. Assembleias do Povo de Deus (APDs): uma faceta da recepção do Concílio Vaticano II na Arquidiocese de Belo Horizonte. In: BOSCHI, Caio César; PINHEIRO, Luiz Antônio (orgs.). *A Arquidiocese de Belo Horizonte e a Evangelização*. Belo Horizonte: PUC Minas/Arquidiocese de Belo Horizonte, 2014, p. 207-254.



A historiografia do concílio, como uma das expressões das representações do evento conciliar, faz parte de seu processo de recepção, sendo assim também um objeto dos estudiosos que desejam apreendê-lo de maneira mais extensa, percorrendo por campos ainda não tão explorados.

Várias possibilidades teóricas e metodológicas se abrem para aqueles que buscam compreender o evento e sua recepção. Apresento algumas delas com o intuito de incentivar aqueles que se debruçam sobre a história da igreja latina na contemporaneidade:

- o que foi falado sobre o concílio? O que aqueles padres e fiéis nas paróquias espalhadas pelo Brasil, com diferentes dilemas, horizontes e *backgrounds*, que viviam aqueles anos de entre 1959 e 1965, entendiam sobre o que acontecia naquele evento? Os conflitos, os desentendimentos, os antagonismos, as imagens produzidas; o concílio que acontece entre aqueles que vivem sua fé corriqueira, longe ainda do olhar e das análises dos pesquisadores, a vivência cotidiana da fé das pessoas comuns, da beata, do jovem, do padre, dos fiéis. Um *história do cotidiano da recepção conciliar*. Essa história ainda está por ser feita e pode nos ajudar a compreender mais amplamente os efeitos do concílio na vida das pessoas que professam o credo católico.
- Uma “psicologia histórica” do concílio e sua recepção também é um campo possível, que teria o objetivo de reconstituir os comportamentos, as expressões e silêncios que traduziriam as concepções de mundo, as sensibilidades coletivas; imagens, representações e valores reconhecidos e suportados pelos grupos ou pela sociedade global, e que constituem os conteúdos da psicologia coletiva, fornecem os elementos fundamentais dessa investigação (MANDROU apud RICOEUR, 2007, p. 205).
- Atravessando as questões anteriores, é importante refletir, portanto, sobre as *culturas conciliares*, partindo da investigação da história da produção historiográfica e teológica no Brasil, tendo em vista que a sua produção faz parte de uma conjuntura político-religiosa que associa certas práticas a lugares sociais de produção. Estão, sobretudo, imersas nas tensões e dinâmicas da



recepção do Vaticano II ²⁵, da conjuntura política internacional da “Guerra Fria” e da queda do socialismo real e, no Brasil, da ditadura civil-militar à democratização. Assim sendo, refletir sobre a formação e divulgação dessas *culturas conciliares* na produção historiográfica e teológica é um esforço em compreender as variadas interpretações do evento conciliar, como são produzidas, de quais lugares, através de quais redes de sociabilidade, perpassadas por quais imaginários. ²⁶ Ao se focar nas crenças e representações desse grupo específico sobre o concílio, qual seja, os intelectuais brasileiros, historiadores e teólogos – que escreveram sobre o evento conciliar –, abrem-se perspectivas para se compreender uma das inúmeras facetas do processo de recepção de um concílio ecumênico.

Referências

ALBERIGO, G. Nuove frontiere della Storia della Chiesa. JEDIN, Hubert. **Introduzione alla Storia della Chiesa**. Brescia: Morcelliana, 1996, p. 7-30.

ARON, Raymond. Polémiques. In: ARON, Raymond. **Penser la liberté, penser la démocratie**. Paris: Gallimard, 2005, p. 414-569.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas, Educam, 2005.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOEVE, Lieven. Une histoire de changement et de conflit de paradigmes théologiques? Vatican II et sa réception entre continuité et discontinuité. In: ROUTHIER, G.; ROY-LYSENCOURT, P.; SCHELKENS, K. (dir.). **La théologie**

²⁵ FAGGIOLI, Massimo. **Vatican II: the battle for meaning**. Mahwah: Paulist Press, 2012.

²⁶ Essa perspectiva já é trabalhada na linha de pesquisa *Sociabilidade intelectual católica na América Latina*, do Grupo de Pesquisa do CNPQ *Núcleo de Estudos de Memória e Cultura*. Essa linha vai à direção da constituição de uma rede de colaboração científica internacional para se pensar com os colegas latino-americanos as redes de interação entre os intelectuais católicos na região. O grupo já produziu dois livros: PAULA, Christiane Jalles de; RODRIGUES, Cândido Moreira (orgs.). **Intelectuais e militância católica no Brasil**. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2012; RODRIGUES, Cândido Moreira; ZANOTTO, Gizele (orgs.). **Catolicismos e sociabilidade intelectual no Brasil e na Argentina**. Cuiabá: EdUFMT, 2013. Também é mister dizer que em maio de 2013 foi apresentado uma das produções do grupo em forma de dossiê na *Revista Brasileira de História das Religiões* (revista do GT da ANPUH *História das religiões e das religiosidades*). Cf o grupo de pesquisa no link a seguir: <http://migre.me/eqo16>



catholique entre intransigeance et renouveau. La réception des mouvements préconciliaires à Vatican II. Leuven: Revue d'Histoire ecclésiastique, 2011, p. 355-366.

BORDEYNE, P; VILLEMIN, L. (dir.). **Vatican II et la théologie.** Perspectives pour le XXI^e siècle. Paris: Du Cerf, 2006, p. 61-88.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas.** São Paulo: Edusp, 2008.

CALDEIRA, R. Coppe. Assembleias do Povo de Deus (APDs): uma faceta da recepção do Concílio Vaticano II na Arquidiocese de Belo Horizonte. In: BOSCHI, Caio César; PINHEIRO, Luiz Antônio (orgs.). **A Arquidiocese de Belo Horizonte e a Evangelização.** Belo Horizonte: PUC Minas/Arquidiocese de Belo Horizonte, 2014, p. 207-254.

CALDEIRA, R. Coppe. O Concílio Vaticano II: apontamentos bibliográficos para um estudo historiográfico. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, Ano 43, n. 120, p. 211-226, Mai/Ago 2011.

CANETTI, Elias. **Massa e Poder.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História.** Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 1- 23.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia.** Bauru: Edusc, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Gen/Forense Universitária, 2014.

CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise.** Entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CLARK, Elizabeth A. **History, theory, text.** Historians and the linguistic turn. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

VIER, Frei Frederico (org.). **Compêndio Concílio Vaticano II.** Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 2000.

DE LUBAC, Henri. **Entretien autour de Vatican II.** Paris: France Catholique/Cerf, 2014.



FAGGIOLI, M. Council Vatican II: Bibliographical Survey 2010-2013. **Cristianesimo nella Storia**. Bologna, n. 34, 2013, p. 899-927.

FAGGIOLI, M. **Il vescovo e il concilio**. Modello episcopale e aggiornamento al Vaticano II. Bologna: Il Mulino: 2005.

FAGGIOLI, Massimo. **Vatican II**. The battle for meaning. Mahwah: Paulist Press, 2012.

FOUILLOUX, É. Histoire et événement: Vatican II. **Cristianesimo nella Storia**, Bologna, n. 13, 1992, p. 515-538.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GUILLEMETTE, Charles-Étienne. Le Concile Vaticano II en représentations et en valeurs. In: ROUTHIER, Gilles (dir.). **Évêques, théologiens et médias: acteurs canadiens à la deuxième période**. Cahiers de recherche sur Vatican II. Québec: Université Laval, 2006, p. 73-113.

HERMANN, J. História das religiões e religiosidades. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História**. Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 329-352.

JOÃO XXIII, Papa. O programático discurso de abertura. In: KLOPPENBURG, Frei Boaventura. **Concílio Vaticano II**. Primeira Sessão (Set.-Dez, 1962). v. II. Petrópolis: Vozes, 1963.

JÚNIOR, Hilário Franco. **Os três dedos de Adão**. Ensaios de mitologia medieval. São Paulo: Edusp, 2010.

KOMONCHAK, Joseph A. Riflessioni storiografiche sul Vaticano II come evento. In: FATTORI, M. T.; MELLONI, A. (a cura di). **L'evento e le decisioni**. Studi sulle dinamiche del Concilio Vaticano II. Bologna: Il Mulino, 1997, p. 417-439.

KOMONCHACK, Joseph A. Vatican II as an "event". In: O'MALLEY, John W. et al. (edited by). **Vatican II**. Did anything happen? New York: Continuum, 2007, p.24-51.

KOSELLECK, R. **Aceleración, prognosis y secularización**. Aldaia: Pre-Textos, 2003.



KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto/ PUC Rio, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC Rio, 2006.

LAMBERIGTS, M. “The Importance of Diaries for the Study of Vatican II”. In: SCHELKENS, K. (ed.). **The Council Diaries of Edward Schillebeeckx, 1962-1963**. Critically annotated Bilingual Edition. Leuven: Peeters, 2010.^[1]_[2]

LATOURELLE, René. **Vaticano II: Bilan et perspectives vingt-cinq ans après (1962-1987)**. Montréal/Paris: Bellarmin, Du Cerf, 1988.

LEFEBVRE, M. **Un vescovo parla**. Milano: Rusconi, 1975.

MARQUES, Luiz Carlos Luz. Plan d’ensemble pour la réception de Vatican II au Brésil. In: ROUTHIER, Gilles. **Vaticano II au Canada: enracinement et reception**. Québec: Fides, 2001, p. 481-502.

MARROU, Henri I. **La connaissance historique**. Paris: Éditions du Seuil, 1954.

MOELLER, Charles. Le renouveau de la doctrine de l’homme. In: BERTRAND, GUY-M.; SHOOK, LAURENCE K. (sur la direction de). **La théologie du renouveau**. Montréal/Paris: Fides/Cerf, 1968.

NOELLE-NEUMANN, E. **The spiral of silence. Public opinion – our social skin**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

PAULA, Christiane Jalles de; RODRIGUES, Cândido Moreira (orgs.). **Intelectuais e militância católica no Brasil**. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2012.

PERRIN, L. **Il caso Lefebvre**. Genova: Marietti, 1991.

REIS, José Carlos. **Tempo, história e evasão**. Campinas: Papyrus, 1994.

RÉMOND, René. Regards d’un historien sur Vatican II trente ans après. In: FOUILLOUX, É. (editeur). **Vaticano II commence...** Approches francophones. Leuven: Leuven Bibliotheek van de Faculteit der Godgeleerdheid, 1983, p. 371-379.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. O tempo narrado. v. 3. São Paulo: Martins Fontes, 2012.



RODRIGUES, Cândido Moreira; ZANOTTO, Gizele (orgs.). **Catolicismos e sociabilidade intelectual no Brasil e na Argentina**. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

ROUTHIER, Gilles. **La réception d'un concile**. Paris: Cerf, 1993.

ROUTHIER, Gilles. **Réceptions de Vatican II: Le Concile au risque de l'histoire et des espaces humains**. Leuven: Uitgeverij Peeters, 2004.

ROUTHIER, Gilles. Tensions, réformes et recherche du consensus. Vatican II dans l'itinéraire de l'Église catholique a Xxe siècle. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 24, Dez. 2011, p. 963-985.

RUSH, Ormond. **Still interpreting Vatican II**. Some hermeneutical principles. Mahwah: Paulist Press, 2004.

RUSH, Ormond. **The eyes of faith**. The sense of the faithful and the Church's reception of revelations. Washington: The Catholic University of America Press, 2009.

RUSH, Ormond. **The reception of doctrine**. An appropriation of Hans Robert Jauss. Reception aesthetics and literary hermeneutics. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1997.

SCATENA, S. **La fatica della libertà**. L'elaborazione della dichiarazione 'Dignitatis humanae' sulla libertà religiosa del Vaticano II. Bologna: Il Mulino, 2003.

SCHAFF, Adam. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

SCHICKENDANTZ, Carlos. Las investigaciones históricas sobre el Vaticano II. Estado de la cuestión y perspectivas de trabajo. **Teología y Vida**, Santiago del Chile, v. 55, n. 1, mar. 2014, p. 105-141.

SMITH, Barbara Herrstein. **Crença e resistência**. A dinâmica da controvérsia intelectual contemporânea. São Paulo: UNESP, 2002.

SULLIVAN, Francis A. **Capire e interpretare il Magistero**. Una fedeltà creative. Bologna: Dehoniane, 1997.

SULLIVAN, Francis A. **Il Magistero nella Chiesa Cattolica**. Assisi: Cittadella, 1993.



VALLIN, P. Vatican II, l'événement des historiens à partir de l'Histoire du Concile Vatican II, 1959-1965, réalisée sous la direction de Giuseppe Alberigo. **Recherches de Science Religieuse**. Avril-Juin 2005, tome 93/2, p. 215-245.

VELATI, M. **Una difficile transizione**. Il cattolicesimo tra unionismo ed ecumenismo (1952-1964). Bologna: Il Mulino, 1996.

ZUBER, Valentine (dir.). **Émile Poulat. Un objet de science, le catholicisme**. Lourai: Bayard, 2001.